

## TRANSCRIÇÃO TEXTUAL DA OFICINA DE ALBERTO ARAÚJO

### Trecho do Filme "Vazio Coração"

- É incrível como as lembranças marcam a gente.
- A senhora só estraga a surpresa.
- Vô, é claro que eu vou aí dar um beijo no senhor.
- Na vô, é.
- Acha que eu não queria agarrar meu neto?
- Ó, o homem aí, beleza.
- O sorriso da criança passa, num riacho breve da infância passa, a juventude passa feito ventania, levanta as flores do jardim da fantasia.
- Ai, eu não vejo a hora de chegar, viu, filho?
- Dona Carolina desliga o telefone.
- Que que foi?
- Comandante, você ainda não percebeu que esses fantasmas só começaram a surgir depois que você se desviou do caminho?
- Esse encontro aqui parece ter sido um erro.
- Por que, Hugo?
- Que que aconteceu? Táxi, táxi!
- Resolveu me punir mais uma vez?
- Pai, eu detesto...
- Mentira.
- Que burrice a minha... tô tentando resgatar uma coisa que já morreu.
- Ué, mas não tava tudo combinado?
- Você conhece meu pai? Ou melhor, você não conhece meu pai... aliás, nem eu reconheço mais.
- Meu amor...

### Fim do Trecho do Filme "Vazio Coração"

Roteiro e direção cinematográfica com Alberto Araújo. Prazer, sou eu, cineasta, nascido em Minas Gerais e residente em Goiânia, com 34 anos. Vamos falar sobre caminhos e processos de criação de uma boa história para a telona. Sou, particularmente, poeta, e costumo dizer que fazer cinema é tecer histórias com fios de luz. Mas, deixando o olhar poético de lado, diria que um filme é, na verdade, uma história contada com a ajuda da escrita, da imagem, da fala, do som, da trilha sonora, dos gestos e, principalmente, por sugestões que podem surgir de forma sutil através de qualquer um desses elementos.

Mas como começar uma boa história? Qual é a fonte de inspiração? Vamos a algumas opções: uma história real, uma notícia, um acontecimento, uma matéria de TV, um livro, um poema bom. Fazer um filme é como olhar para uma fatia da vida, observar diferentes personagens e as conexões que os interligam. Bonito, né? Esse olhar atento sobre o tema e a história de cada personagem é necessário, assim como inspiração, pesquisa, criação e foco, para o desenvolvimento de um bom roteiro.

Falando sobre processos de criação de roteiro, vou compartilhar minha experiência. Escrevi e dirigi dois longas-metragens. Um deles é *Vazio Coração*, que estreou em 2013,

lançado pela Califórnia Filmes e disponível por quase uma década na Amazon Prime. No elenco, tivemos Oton Bastos, Murilo Rosa, Lima Duarte, Beth Mendes, Oscar Magrini, Patrícia Naves e Larissa Maciel, entre outros. Essa é uma história muito bonita, que se passa no interior de Minas Gerais, em cidades como Araxá, Patrocínio e Uberlândia, além de um trecho em Brasília.

A ideia de escrever o roteiro de *Vazio Coração* surgiu a partir do cenário. A história gira em torno de um cantor famoso, um pop star, com fama, dinheiro, jatinho e uma vida bem-sucedida, mas que vive um conflito com o pai. Murilo Rosa interpretou Hugo Kari, o cantor, e Oton Bastos fez o papel de seu pai, um embaixador residente em Brasília. O conflito era que o pai nunca quis que o filho seguisse a carreira de cantor, desejava que ele fosse diplomata, seguisse uma carreira no Itamaraty. Mas o filho queria seguir seu instinto artístico, e isso contrariava o pai. Quando o filho, finalmente, tornou-se um dos maiores cantores do Brasil, o pai, em vez de se orgulhar, rompeu com ele, dizendo que não criara o filho para "ficar pulando e rebolando em cima de um palco". Esse conflito de gerações levanta questões sobre o que é arte, e o pai, sendo um embaixador culto, era, de certa forma, preconceituoso em relação à música popular.

A história se passa, em grande parte, no Grande Hotel Barreiro de Araxá, uma construção de 1945 e, durante muitos anos, o maior hotel da América Latina, criado na era Vargas para ser um cassino. Depois da proibição do jogo no Brasil, ele foi fechado, mas permanece um hotel cinco estrelas, lindo, na cidade de Araxá. Esse local, para mim, era encantador, e eu sempre quis escrever uma história que se passasse ali. O hotel, dependendo do ponto de vista, parece até um castelo europeu, mas eu quis usá-lo como cenário de um hotel mesmo, para contar a história. No filme, pai e filho se encontram no início da trama nesse hotel, e a maior parte do enredo se passa ali. Outras cenas foram rodadas em Patrocínio, Uberlândia e Brasília.

Para vocês terem uma ideia, *Vazio Coração* foi um filme cujo roteiro foi inspirado na locação, e isso nem sempre acontece. Escrever foi fácil, pois eu conhecia muito bem o cenário. Também facilitou a produção, pois quase tudo foi filmado numa única locação, o Grande Hotel, onde a equipe ficou hospedada por 45 dias, com cerca de 60 profissionais gravando dia e noite.

Após *Vazio Coração*, rodei um média-metragem chamado *Volta à Casa Paterna*, uma obra poética inspirada no livro homônimo que explora minha relação com Portugal, esse país que nos descobriu e nos deixou uma herança cultural profunda – culinária, música, língua. Esse média-metragem, disponível no YouTube, foi um filme completamente diferente, feito com equipe reduzida, rodado no celular e praticamente sem roteiro, mas com uma fotografia muito bonita.

A ideia era mostrar um brasileiro visitando Portugal e se identificando com os lugares, as pessoas, a paisagem e o sotaque. Fui com o embaixador Lauro Moreira, que atuou como meu ator, e percorremos entre 15 e 18 cidades portuguesas, numa espécie de road movie. Essa viagem representou um reencontro com nossa pátria-mãe, um retorno à "casa paterna". Eu não tinha um roteiro fixo; apenas os poemas que me direcionavam, indicando cidades e cenários. Era, como se vê nas imagens, um brasileiro revisitando Portugal, observando o cenário, se identificando e se sentindo em casa.

Esses poemas foram gravados em estúdio, e a narração foi feita da mesma forma, acompanhada por uma trilha sonora especial, criada pelo maestro Jodson Souza, meu amigo. Foi uma experiência diferente do meu primeiro filme: eu, um ator, um celular, um carro alugado e o interior de Portugal – e até Lisboa – como cenário, no caminho de volta.

### **Poema de Alberto Araújo usado como Voz Over no Filme *Volta à Casa Paterna***

Um Oceano de nuvens  
sem ondas, sem velas  
sustentado por turbinas de 1 imenso pássaro caravela  
chego como se nunca houvesse saído,  
como se tivesse nascido às margens deste manso Remanso do Tejo.

Ó Infante,  
se não fosses tu  
eu não sentiria essa estranheza do retorno à casa  
que nunca foi minha,  
esse desconforto de estar à vontade,  
Uma sensação de filho adotivo no colo da mãe natural.

Subi ao Palácio da Pena  
para sentir cinza aos meus pés,  
avistar o horizonte da história,  
cochichar segredos sobre longevidade.

Minha Évora,  
mais minha que do imperador César Augusto,  
mais que dos atrevidos mouros,  
mais que de Geraldo sem pavor,  
mais que de todos os portugueses de ontem,  
hoje e amanhã.

Nós ossos que aqui estamos,  
pelos vossos esperamos.  
Assim passa a glória do mundo.

O velho castelo resiste à dureza dos séculos,  
sentinela imortal faz plantão sobre Portela.  
Suas muralhas abraçaram nobres,  
protegeram soldados,  
ouviram segredos de reis e rainhas.  
Em sua sombra, sinto-me em casa.

Ah, que inveja do horizonte diante desse olhar!  
Como eu queria ser o que penso ser,  
este homem da Serra da Estrela.

Ó Coimbra, minha Inês,  
sou Pedro em desespero por não tocá-la,

não beijá-la,  
por não livrar-me das amarras  
e caminhar tranquilo por suas ruas,  
suas veias.

Vieram os castelhanos com seus cavalos,  
suas armaduras e espadas ao vento.  
Presente estava o nosso Dom João Primeiro,  
o condestável aqui estava,  
aqui ficou,  
herói santificado.

No Porto,  
vi o Rio Douro,  
a ponte Dom Luiz,  
e o romântico cenário de Vila Nova de Gaia.  
Não me perdi de amor como Simão e Teresa,  
mas guardei o sabor do vinho no cálice de Álvaro Cinza Vieira,  
ao cair da tarde, no cais da Ribeira.

Quando o cansaço ramificar-se por meu corpo,  
já estarei em Guimarães,  
o guardião do Palácio dos Duques de Bragança.  
Vai comover-se com minha carência de séculos,  
e deixar-me descansar nos aposentos reais.

Vou dormir feito menino,  
dormir e sonhar no berço do berço de meu berço.

Bom, então eu falei do meu primeiro filme, Vazio Coração, né? Roteiro gravado lá em 2013, lançado em 2013, na verdade. Falei do Volta a Casa Paterna, que foi um filme praticamente sem roteiro, prova disso é que não tem roteiro aqui em cima da mesa dele. E agora eu vou falar do Voo do Anjo com o Tombaços, Emílio Orciollo Neto, Gustavo Duque, Dani Marques, Maurício de Castro, Carla Braga, Cida Mendes, Franco Pimentel, uma turma muito legal, atores aqui de Goiânia que vieram e somaram e fizeram, me ajudaram a contar essa história muito bacana, que tá tendo repercussão muito positiva na mídia. É um filme que trata de um assunto muito delicado, que é a depressão e o suicídio. Mas antes de falar da essência do filme, eu vou falar como surgiu a ideia de escrever esse roteiro. Eu sempre vou ao Rio de Janeiro em razão dessa minha amizade com o Otto de quase quinze anos. No penúltimo encontro que eu tive com ele no Rio de Janeiro, a gente tomando café, ele reclamou pra mim que já não era mais convidado pra fazer papéis tão importantes ou pra ser protagonista de um longa-metragem em razão da idade e tal. Que o cinema, assim como a vida, de uma certa forma vai aos poucos, né, abandonando as pessoas mais de idade, né? Não é abandonando, vai excluindo, né, do convívio e tal, mesmo às vezes sem querer. Enfim, esse é um outro assunto. Mas o Otto reclamava que não estava recebendo bons convites pra atuar no cinema e que já estava aproximando na época dos noventa anos, agora já está com noventa e um. Eu disse: vou escrever um roteiro pra você ser novamente o protagonista do meu filme. Ou seja, eu sou um cineasta

de dois longas só, mas tenho a sorte e o privilégio de ter como protagonista desses dois longas o grande ator Otto Bástos. Na minha opinião, o maior ator de cinema vivo neste país, né?

Então eu fiz essa promessa pro Otto Bástos. Voltei pra Goiânia e fui pensar o seguinte: como eu consigo escrever uma história com pouco recurso financeiro, né? Porque a verba é aquela velha história, a verba é sempre pequena. Que eu consiga contar uma história bonita, com um ator maravilhoso que é o Otto Bástos, porém com pouco recurso. Aí eu pensei em abordar esse tema que fala da depressão e do suicídio, e que é um tema delicado e que não é muito explorado, mas que eu acho que a gente precisa. Chega uma certa hora que é preciso encarar esses temas mais delicados. Porque eu costumo dizer: fingir que o problema não existe, ele não deixa de existir; você simplesmente virou as costas pra ele. Então, esse tema do suicídio e da depressão, eu juntei esses dois assuntos delicados numa história, tentando amarrar tudo isso num filme prático e barato, como eu falei.

Então, qual que era a história? O personagem do Otto, um professor de física aposentado, ficou viúvo. Tem um filho cirurgião plástico muito bem-sucedido. Quando o pai fica viúvo, ele traz o pai pra morar com ele numa mega cobertura, né? Um cirurgião plástico muito bem, aqui em Goiânia, por exemplo, a cirurgia plástica é uma área que se destaca no Brasil inteiro. Vem gente do país inteiro aqui passar pelas mãos dos nossos cirurgiões. Então eu peguei esse gancho de que Goiânia se destaca nessa área. Peguei o Gustavo Duque, que faz o papel de um cirurgião plástico que, ao ver o pai, né, pra não deixar o pai morar sozinho na casa depois que ficou viúvo, ele é filho único. Gustavo Duque, papel do Gustavo Duque, traz o pai pra morar com ele. Até o personagem do Otto Bástos fala: "Ah, me trouxeram pra morar nessa gaiola de luxo. Eu era acostumado a morar numa casa com quintal, com orquídeas e tudo mais."

Enfim, ali, no dia do aniversário do personagem do Otto Bástos, que tá fazendo oitenta e oito anos, o professor Vitor, o filho não consegue, tem uma cirurgia marcada, não consegue jantar com ele e faz um pedido num restaurante tradicional da cidade. E o entregador que vai fazer a entrega da sua comida tinha uma intenção já programada de que, no dia que ele tivesse a oportunidade de ter acesso a uma cobertura, ele iria se jogar. Bom, dei aqui um spoilerzinho, mas você precisa ver o filme. Enfim, eu criei todo esse roteiro, essa história dramática em cima de um desejo de escrever, dirigir, produzir e apresentar no cinema um filme onde o meu ídolo, Otto Bástos, fosse ator.

Então só pra vocês terem uma ideia, o que me inspirou pra fazer o Vazio Coração foi o cenário de Araxá, como eu disse, e o que me inspirou a escrever o roteiro do Voo do Anjo foi o próprio ator Otto Bástos, esse ícone do nosso cinema nacional. E assim foi escrita a história. Então, o que eu quero dizer sobre isso, gente, é que cada roteirista ou cada cineasta que escreve a sua própria história, né, que é chamado cinema autoral, é o cineasta que escreve, que dirige, que ajuda na montagem, enfim. Nós, aqui no cinema de guerrilha, fora do eixo Rio-São Paulo, normalmente é assim que a gente faz. Então, o seguinte: são muitos os caminhos, né? Você pode se inspirar em muitas coisas diferentes pra achar uma boa história.

Bom, agora vou falar mais da questão técnica de como se escreve um roteiro. Uma boa história é única para o seu protagonista; ele pertence somente àquele universo e faz uma jornada única dentro daquele contexto. Então, posso dizer que escrever é ter uma visão de mundo, uma visão do belo, do amor, do cinismo, da esperança, da desesperança, etc.

Qual a colaboração que você quer dar para o mundo através do seu roteiro? Pensa nisso. Isso é importante. Sobre o que você deseja falar? Como você deseja falar? Eu, por exemplo, como já disse antes, me interesso por problemas familiares, por conflitos familiares, e assim desenvolvi as minhas histórias.

Quando vemos um filme, fazemos parte de uma viagem na qual embarcamos naquela viagem ou não. Mas como manter o interesse do espectador ali, ligadinho no filme, hein? Eu já ouvi dizer que, quando um filme começa, o diretor tem cinco minutos pra atrair e seduzir o público pra dentro daquela história. Se consegue, o filme vai ser um sucesso; senão, o filme pode fracassar. Então, o propósito é esse: prender o espectador.

Não podemos esquecer que o cinema é um sistema reflexivo, imersivo, uma fonte contínua de emoções, onde o mais importante é não mostrar tudo. Mas como assim, gente, não mostrar tudo? É algo que eu falei da sugestão: deixar o espectador imaginar uma parte da história, criar mentalmente, através de sua imaginação, outras fotografias do filme, outras camadas do filme. Em todo filme, há sempre uma região de sombras, uma reserva do não visto, a relação invisível de uma cena e outra, que acaba gerando uma nova linguagem, criando um vocabulário e uma gramática própria. Isso mesmo, gente, o roteiro é um código secreto, onde a história se passa não apenas na tela, mas aqui, ó, também na cabeça do espectador.

Olha só, gente, é importante saber usar e também saber fugir dos clichês, aqueles recursos usados em demasia, algo já visto, já realizado há décadas, né? Corre o risco de a plateia aceitar ou rejeitar; você tem que ter ali um tempero. O cinema, na verdade, é uma linguagem em permanente descoberta, sempre se está criando novas formas e se reinventando. É preciso inovar, ousar, pode fracassar, correr o risco de fracassar ou não, para narrar e expor.

O cinema se formou a partir de si mesmo, se copiando, se reinventando, através da repetição, do contato do cotidiano com todo tipo de plateia. Na verdade, né, fazer cinema é uma espécie de laboratório, gente. O cinema tem se expandido e continua se expandindo, continua em mutação dia após dia, como sendo o reflexo das relações humanas na sociedade. Já pensou sobre isso? Pois é, transformar um bom roteiro em um interessante e ótimo filme é o grande desafio de todo profissional dessa sétima arte. Surpreender quem assiste é o melhor caminho.

Roteiros são divididos em sequências numeradas, que são conjuntos de cenas rodadas no exterior ou no interior de diversos ambientes, como esse aqui. Ambientes que são as locações do filme durante o dia, à tarde ou à noite. Exemplo de sequência: sequência 01, interior, noite, cozinha, fazenda do interior de Goiás. Ou sequência 02, exterior, dia, campo de futebol, bairro Feliz, Goiânia, Goiás. Segue sempre abaixo das sequências numeradas a descrição das cenas entre parênteses, e abaixo delas o diálogo entre os personagens. Vai aqui um exemplo: entre parênteses, "José sentou no chão da lateral direita do campinho de futebol e ajeitou as chuteiras; ao ver o goleiro se aproximando, falou desanimado." José: "E aí, Digo?"

Pois é, existem inúmeros editoriais e modelos de roteiro na internet; é só dar um Google, como se diz, que você vai encontrar vários modelos. Só se aprende a fazer cinema, minha gente, fazendo filmes e assistindo a bons filmes. Mas não é só assistir não, assistindo com

olhar atento, conhecimento, estudo, capacitação, qualificação e formação são necessários também, é claro, né, gente? Nem preciso dizer.

São muitos os tratamentos que o roteiro recebe; é preciso escrever, reescrever, escrever novamente. Só assim a gente consegue criar empatia e identificação do público com os personagens, né? Seus personagens devem ter uma transformação durante a jornada, entrar de uma maneira e terminar de outra em cada história. Lista de eventos em um roteiro são acontecimentos aleatórios que ajudam a concatenar os personagens e levar a história adiante, alimentando o interesse do público.

A gente assiste filmes para ver simulações de experiências e ver os personagens descobrindo outras coisas além do que ele queria inicialmente. Cinema é meio de comunicação em massa, não se esqueça disso. Sua base é o entretenimento, mas também é um poderoso instrumento de conscientização e importante ferramenta pedagógica.

De uma certa forma, esgotado o tema roteiro, vamos falar de abordagem básica da direção cinematográfica. Ser um bom líder, nesse caso, é essencial. Além de escolher os profissionais da equipe, o diretor é responsável por passar sua ideia para cada um desses profissionais, de modo que todos sigam a mesma linguagem e façam o mesmo filme. É importante o diretor saber comunicar o que quer para que os outros profissionais entendam um conceito, mas acima de tudo, é preciso saber ouvir.

O bom humor é essencial pra manter o clima bom no set de filmagem, né, gente? Se a função do diretor de cinema é contar uma história em forma de filme, e boa parte das decisões desse filme estão em suas mãos, será que pode haver trabalho mais interessante, mas também mais complicado, mais difícil? No set de filmagem, todos da equipe independem do diretor e de suas decisões. Tudo parece muito simples no papel, até que alguém pegue uma câmera e resolva colocar atores falando e se movimentando em frente a ela. Aí surgem dezenas de pessoas oferecendo soluções para os problemas criados pelas páginas do roteiro.

Quais são os princípios da linguagem cinematográfica? Vamos lá. Os elementos específicos da linguagem cinematográfica são o tempo, a câmera lenta, a câmera rápida, interrupção do movimento, inversão do movimento, o espaço, o primeiro plano, os ângulos, os movimentos de câmera, a palavra, os sons, diálogos, a música.

Bom, até agora eu falei de direção do ponto de vista na abordagem técnica. Agora eu vou falar da minha experiência, de como foi o meu processo de direção tanto no Vazio Coração, rodado lá, como eu falei, em 2011, foi, entrou em cartaz em 2013, foi o meu primeiro filme. Então, eu já deparei ali de cara com esse elenco e, né, a minha inexperiência com longa. Eu acho que esses profissionais todos, quando um profissional aceita um papel, é porque ele se identificou com a história, se identificou com aquele personagem, senão ele não vem. Não é uma boa proposta de cachê, uma boa proposta salarial que vai atrair um ator de peso pro seu projeto, e sim uma boa história. Isso eu por experiência própria.

Então, quando você tem um elenco de peso como esse que eu citei, você tem que ter conhecimento da história que você quer contar acima de tudo e, principalmente, saber ouvir, não ser dono da verdade. É chamar esse grupo de atores, no caso, que eu tive a sorte de trabalhar com tantos, tão experientes, a te ajudar a contar essa história. Eu vou

citar uma experiência que eu tive nesse quesito de ouvir o ator, trocar ideia com o ator, ver o que ele sente do personagem, ver o que ele acha daquele personagem que ele vai interpretar, ver se aquele personagem veste bem nele. Isso é muito importante: o dom de ouvir, não ser o dono absoluto da verdade, trocar experiências, ainda mais quando você tem no seu filme atores de peso, que têm uma longa trajetória no cinema.

Vou dar aqui dois exemplos. O personagem do Otto Bástos no Vazio Coração, ele era um embaixador. Eu já falei sobre isso aqui antes, mas ao longo do tempo, até, eu digo, de um ou dois anos, a gente foi trocando experiências e ele foi me ajudando a moldar aquele personagem, aquele embaixador. Então, o roteiro inicial, o pai era muito mais rude, muito mais seco, muito mais sem alma do que o personagem que foi pras telas no final. Isso graças às minhas trocas de ideia ao longo do tempo, por telefone, mesmo com o Otto Bástos, que foi me passando: "Olha, eu acho seu personagem muito sem vida, muito seco. Tá certo que ele sofreu uma decepção, mas isso não justifica. Ele tá muito radical, tá faltando um pouco de doçura, de candura nesse personagem." Isso eu tive ao longo dos anos trocando ideia, entre o roteiro e o filme ficar pronto foram alguns anos, assim, uns três anos ou mais.

Agora, uma outra experiência muito interessante que eu quero passar pra vocês foi assim que o Lima Duarte chegou no set. Foi na última semana, nos últimos dez dias de gravação, ele foi o último ator a chegar. E o personagem dele fazia um agricultor, um homem do agronegócio, dono de uma fazenda de milhares de pés de café lá em Patrocínio, Minas Gerais. E eu tinha imaginado aquele personagem baseado no homem do agronegócio que eu conheço aqui do interior de Goiás, que não é mais aquele fazendeirão de chapéu na cabeça, de botina, de caminhonete e tal. É um cara ali com seu bonezinho com o nome da fazenda no boné, usa até um iPad, tá sempre ligado na bolsa de valores, ele é um homem do agronegócio moderno, com máquinas agrícolas que hoje em dia são muito modernas. Os próprios homens de uma certa idade, os proprietários de fazenda de uma certa idade, são muito antenados com a tecnologia. Eu imaginei esse personagem.

Quando o Lima Duarte já tinha aceitado fazer o papel, ele chegou pra gravar, sentou comigo e perguntou se podia dar alguma opinião sobre o personagem. E eu falei que, claro, a experiência, além de ser grande ator como Lima é, ele foi diretor, dirigiu a novela "Beto Rockefeller," foi um precursor do estilo mais brasileiro de fazer novela, que foi um divisor de águas nas telenovelas brasileiras. Então, eu fui ouvir o que o Lima tinha pra dizer. Ele falou: "Olha, eu gostaria... O seu filme é um filme triste e que tem dois personagens idosos, no caso o personagem do Oton Bastos e o meu, e são dois personagens pra baixo, noturnos. O personagem do Oton Bastos, isso você não deve mexer, né, você até já gravou e tal, e ele tem mil razões pra estar desse jeito. O meu personagem, ele está triste porque ele perdeu uma filha, mas um homem prático, dono de uma fazenda de milhares de pés de café, ele não pode ser esse personagem assim frio e tal, porque senão ele, dentro da vida pessoal dele, não vai conseguir tocar o negócio dele, a grande fazenda, se ele deixar ser levado por essa perda. Então, eu sugeriria que o meu personagem fosse mais solar, mais alegre. Eu fico no seu filme mais ou menos pelo que eu notei, uns quinze minutos. Eu queria ensolarar o seu filme, queria iluminar o seu filme, porque ele está um filme pra baixo, muito triste. E ele até brincou: velho não leva público nos cinemas, está com dois velhos e dois velhos tristes no filme.

Aí fomos trocando ideia. Eu falei: você tem toda a liberdade pra me apresentar o personagem que você imagina. Bom, no outro dia, na primeira cena, na hora que ele já

entrou em cena, eu já sabia que ele tinha toda a razão do mundo e que aquele personagem ali era, em termos de comportamento em cena, né, o outro era linear, sério, e ele veio com alegria contagiante, como vocês estão vendo nas cenas que estamos passando aqui. Mudou completamente, deu um astral diferente pro filme. "Ó Margarida, você não queria ver, acha que eu não queria agarrar meu neto? Ó o homem aí, beleza."

Então, eu acho que, ao dirigir, você tem que estar em sintonia não só com a equipe técnica, né, mas principalmente em sintonia com todos no set, e, acima de tudo, você tem que ter conhecimento. Se o roteiro não foi você que escreveu, você tem que mergulhar naquele roteiro e saber exatamente o que o roteiro propõe passar. Ter também essa capacidade de troca de ideias, sabe, de convidar os atores, de ouvir os atores. De certa forma, colocar essa responsabilidade, dividir essa responsabilidade de contar uma boa história com os atores. Eu tive essa experiência com dois grandes atores em duas situações diferentes e, talvez por serem meus primeiros filmes, por não ser aquele cineasta de longa experiência, eu tive a humildade de ouvi-los e deu muito certo. Sugiro que, independente da experiência que você tenha, principalmente você que esteja começando, não se julgue o dono da verdade só porque é o diretor do filme. Você vai prestar um grande serviço à sua história se conseguir compartilhá-la, dividir essa responsabilidade com todos os profissionais no set, principalmente com os atores, que vão dar vida a cada personagem.

Então é isso. Falei aqui um pouco da minha experiência como roteirista e como diretor de cinema. Apresentei variantes: um filme com uma produção maior, como foi *Vazio Coração* há treze anos, com uma equipe de sessenta profissionais; depois, a experiência de fazer um filme quase que solitário, né? Eu costumo até brincar que queria entrar pelo Guinness Book, porque *Volta a Casa Paterna* foi um filme com um profissional só, gravado com celular e com um ator só. Depois, claro, teve o pessoal da montagem, da trilha, mas uma equipe reduzidíssima. E a gente acabou contando uma história super poética. Sem verba nenhuma, foi um filme. *Vazio Coração* teve uma verba razoável, como eu disse; *Volta a Casa Paterna* foi um filme que custou só os vinte dias na Europa, e depois veio *Voo do Anjo*, um projeto aprovado pela Lei Paulo Gustavo, através da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Goiânia. Conseguimos, mesmo com a verba pequena, com baixo orçamento, fazer um filme que está em cartaz e que tem tocado muitas pessoas.

Então, essa é a minha experiência, fico feliz de ter podido compartilhar com vocês. Queria encerrar dizendo uma palavra que, pra mim, define o cinema de uma forma geral, mas principalmente define o diretor de cinema, o cineasta: paixão. Se não tiver isso aqui, se o cinema não tiver sendo projetado aqui, a cada batida do seu coração no dia a dia, você não vai conseguir passar para suas histórias, passar para o seu filme aquela emoção que o espectador imagina.

Pra encerrar, vou contar minha experiência numa sala de cinema. Eu tinha uns nove anos, no interior de Minas, recém-chegado da zona rural de uma cidade chamada Coromandel pra morar em Patrocínio, uma cidade que na época devia ter uns quarenta mil habitantes. Mas lá, na década de setenta, as salas de cinema eram enormes; o cinema estava no auge no mundo inteiro. Então, eu fui pela primeira vez, entrei pela primeira vez numa sala de cinema, levado pelas professoras numa daquelas excursões que os alunos de colégio fazem. Quando eu vi aquela tela imensa, aquele fecho de luz produzindo aquelas imagens e aquele som, sabe, me possuindo de uma forma, me transportando pra um outro mundo, eu falei pra mim mesmo que era o que eu queria fazer da vida. Esse sentimento, essa

declaração de amor ao cinema, essa empatia com a sala de cinema, foi aos dez anos. Eu só consegui realizar o meu primeiro filme aos cinquenta, ou seja, esperei quarenta anos pra realizar o meu sonho de dirigir um filme que entrou em cartaz comercialmente. Mas posso dizer a vocês que valeu a pena. Cinema é, acima de tudo, paixão.